

# JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA (1746?-1805)

Maria Inês Junqueira Guimarães

## A OBRA

Entre as coleções que contêm manuscritos da obra de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, a Coleção Dom Oscar, do Museu da Música de Mariana, tem a singularidade de conservar dois dos quatro autógrafos completos,<sup>7</sup> raros e por isso mesmo importantíssimos, encontrados até hoje: a partitura do *Tercio* (CT-MIG14), datada de 1783, e as partes da Antífona de Nossa Senhora *Regina caeli laetare* (CT-MIG39), de 1779. O *Tercio*, como é notório, é a única partitura autógrafa deste compositor até hoje encontrada.

Além das duas obras acima mencionadas, outras três foram editadas neste livro em homenagem ao artista mineiro: a Ária ao Pregador *Ave Regina caelorum* (CT-MIG05), o Salmo *Laudate pueri* (CT-MIG32) e o Responsório *Cum transisset* (CT-MIG13). A edição desta última obra é um exemplo do sucesso da organização dos acervos brasileiros nos últimos dez anos, pois, se o documento existente em Mariana está incompleto, fontes encontradas em Santa Luzia permitiram a apreciação da obra em sua plenitude. Por outro lado, estas três obras têm uma singularidade comum: a questão da autenticidade parcial de alguns documentos a elas referentes.

A página de rosto da Ária ao Pregador *Ave Regina caelorum* parece ser parcialmente autógrafa, como indicado pela comissão de organização do catálogo *O ciclo do ouro* (BARBOSA, 1979: 125). No entanto, a dúvida persiste por duas razões. A ausência de datação no manuscrito é surpreendente, pois Lobo de Mesquita datava sistematicamente seus autógrafos. Além do mais, a assinatura não corresponde exatamente com as autenticadas do compositor nos documentos administrativos e musicais. Uma dúvida também emerge quando da análise da parte de violino II, arquivada em Ouro Preto, referente ao Salmo *Laudate pueri*: a parte, bastante manipulada e coberta por um véu de sujeira, não permite um julgamento preciso, mas a escrita lembra a do compositor. Por sua vez, a página de rosto do Responsório *Cum transisset* parece ser parcialmente autógrafa, mas o estado precário do documento não

<sup>7</sup>Os dois outros autógrafos completos são o Ofício e Missa para Quarta-Feira de Cinzas *Exaudi nos* (CT-MIG16) e a Antífona de Nossa Senhora *Salve Regina* (CT-MIG40), ambos pertencentes à Coleção Francisco Curt Lange, do Museu da Inconfidência de Ouro Preto (Minas Gerais).



Figura 5. Frontispício do Responsório II para as Matinas da Ressurreição. MMM CDO.02.240.

permite uma certeza. Assim, a data de 1803 aí assinalada deve ser considerada, por precaução, como data de uma cópia contemporânea ao autor.

A produção de Lobo de Mesquita que chegou até nós consiste de música para uso litúrgico e paralitúrgico católico.<sup>8</sup> De um total de sessenta e sete obras reunidas nos arquivos brasileiros, cerca de cinquenta têm autenticidade confirmada e cerca de duas dezenas foram atribuídas a Lobo de Mesquita sem provas formais.<sup>9</sup> Quase um terço deste repertório é claramente destinado às cerimônias da Semana Santa; dezoito peças foram criadas em homenagem à Virgem Maria; o compositor escreveu quatro Missas,<sup>10</sup> um Credo (CT-MIG11), dois Réquiems (CT-MIG37 e 38) um Ofício e Missa para Quarta-feira de Cinzas (CT-MIG16). Nove outras obras destinam-se a funções litúrgicas diversas: três *Te Deum* (CT-MIG44, 45 e 46), uma Ladainha do Santo Nome de Jesus (CT-MIG23), uma oração a Santo Antônio (CT-MIG41), o Salmo 112 (CT-MIG32), um excerto do Salmo 4 (CT-MIG42) e dois Mementos para a Encomendação Fúnebre (CT-MIG34 e 35). Entre as obras maiores escritas para a Semana Santa sobressaem o Ofício, Paixão e Missa para o Domingo de Ramos *Dominica in Palmis*, de 1782 (CT-MIG03a), cujo autógrafo também sobreviveu, as Matinas de Quinta-feira Santa (CT-MIG48a e 48b), de Sexta-feira Santa (CT-MIG01a, 01b e 01c) e do Sábado Santo (CT-MIG18).

A produção ligada ao culto da Virgem Maria inclui a Antífona *Salve Regina* (CT-MIG40) e a Antífona *Ave Regina caelorum*,<sup>11</sup> além da Antífona mariana aqui publicada. Podemos ainda assinalar o Cântico *Magnificat* (CT-MIG33) e as oito Ladainhas Lauretanais (CT-MIG23 a 30). Duas obras são para uso paralitúrgico: o já mencionado *Tercio* e o Responsório para Santo Antônio *Si quaeris miracula*. Seis obras de Lobo de Mesquita apresentam duas ou mais versões diferentes. A autoria de várias obras continua em questão, apesar da descoberta de novos documentos.

## A VIDA

Músico, militar, casado,<sup>12</sup> proprietário de ao menos uma escrava, o mulato<sup>13</sup> José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita teve, ao que tudo indica, uma vida confortável, aparentemente acima do compatível com seu *status* social, para a época. Segundo Maria Eremita de Souza, a primeira indicação profissional relativa ao compositor, enquanto “diretor de música”, acha-se no livro de pagamento da Câmara do Serro: em 26 de dezembro de 1774, recebe um pagamento para as quatro festas anuais dessa vila (apud LANGE 1983: 30). Ora, ser responsável por tal contrato exige um mínimo de experiência e sua idade, portanto, devia situar-se então entre vinte e trinta anos.

<sup>8</sup> A propósito do estilo do compositor, cf. JUNQUEIRA GUIMARÃES, 2000.

<sup>9</sup> A este respeito, cf. JUNQUEIRA GUIMARÃES, 2001.

<sup>10</sup> Missa em Dó maior (CT-MIG19), Missa em Fá maior (CT-MIG20), Missa em Mi bemol maior (CT-MIG21), Missas em Fá maior (CT-MIG22a, com o Credo, CT-MIG22b). Novos estudos levam a considerar a possibilidade de rever a autoria da Missa em Dó maior (CT-MIG19).

<sup>11</sup> Embora tenha o mesmo texto, não se trata da Ária ao Pregador editada neste livro, mas de outra obra, existente em cópia manuscrita pertencente à Casa da Cultura de Santa Luzia, código B15, copiada juntamente com a Antífona *Regina caeli letare* (cf. Fontes consultadas).

<sup>12</sup> Tarquínio Barbosa de Oliveira descobriu, em 1979, no *Livro de Entrada de irmãos da Confraria dos Santíssimos Corações* termo que comprova o casamento do compositor com Tomasta Onofre do Lírio (apud LANGE, 1982: 151-152).

<sup>13</sup> Grandes nomes da cultura e intelectualidade brasileira sofreram e sofrem uma tentativa de “embranquecimento”, e este foi também o caso de Lobo de Mesquita. Uma controvérsia quanto à raça do compositor nasceu quando Tarquínio de Oliveira apresentou o manuscrito citado na nota acima. Segundo o estatuto dessa associação religiosa, somente os brancos são admitidos, como declara Thomas Antônio Gonzaga, na abertura do livro de registros. No entanto, no final do século XVIII, com a mudança dos costumes, não era impossível uma associação de brancos aceitar um mulato entre os seus. Aparentemente, Lobo de Mesquita possui, no fim do século, as referências necessárias para entrar, a título excepcional para uma associação de brancos, mesmo sendo mulato.

Não foi encontrada nenhuma menção ao compositor anterior a essa data, em cidade dessa ou de qualquer outra região, o que reforça a probabilidade de que Lobo de Mesquita tenha nascido na cidade do Serro entre 1740 e 1750. A data de 1746, indicada por Geraldo Dutra de MORAES (1975: 43-44), permanece, no entanto, sem confirmação.

Lobo de Mesquita muda-se para Diamantina (Minas Gerais) e começa a trabalhar como organista na Igreja de Santo Antônio em fins de 1783, uma vez que o registro de seu primeiro pagamento data de 1784. Entre 1783/1784 e 1798, Lobo de Mesquita atua como professor, organista e compositor. Outros cargos, como “diretor de música” ou cantor, não são indicados com precisão em seus contratos com as confrarias. O primeiro deles, assinado com a Ordem Terceira do Carmo, menciona a função de organista. Redigido a 17 de julho de 1789, esse documento enumera as festas nas quais deve atuar. Explica ainda que a presença de Lobo de Mesquita será exigida nas ocasiões em que a música de um conjunto não for programada. Quando for prevista a reunião de uma orquestra, o organista está habilitado a participar do grupo. Tais circunstâncias não chegam a satisfazer as ambições do compositor, já que em 1791, um novo acordo determina que ele seja “*um dos primeiros*” a poder “*organizar a referida música para coro e orquestra*”, sem, entretanto, nenhum complemento de salário. É plausível imaginá-lo à frente do conjunto durante a execução de suas obras, mas a função de organista é a mais documentada de todas as exercidas por Lobo de Mesquita, explicitamente registrada nos livros. Por outro lado, como compositor, vive no Serro e em Diamantina sua fase mais criativa. Os autógrafos de suas obras, todos datados, além das raras cópias que mencionam o ano de suas composições, dão prova de sua produção entre 1778 e 1803.

Referência	Função Litúrgica	Incipit Literário	Data
CT-MIG16	Ofício e Missa para Quarta-Feira de Cinzas	<i>Exaudi nos</i>	1778
CT-MIG39	Antífona de Nossa Senhora	<i>Regina caeli laetare</i>	1779
CT-MIG48 a	Matinas de Quinta-feira Santa	<i>Zelus Domus tuae</i>	ca. 1779
CT-MIG03 a	Antífona para a Aspersão da Água Benta	[ <i>Asperges me</i> ] <i>Domine, hyssopo</i>	1782
CT-MIG09	Tractos, Missa e Vésperas do Sábado Santo	<i>Cantemus domino</i>	1783
CT-MIG14	Tercio	<i>Diffusa est gratia</i>	1783
CT-MIG40	Antífona de Nossa Senhora	<i>Salve Regina</i>	1787
CT-MIG25	Ladainha de Nossa Senhora	<i>Kyrie eleison... Sancta Maria</i>	ca. 1798
CT-MIG37	Matinas e Missa dos Mortos	<i>Regem cui</i>	1798
CT-MIG13	Matinas da Ressurreição	<i>Cum transisset</i>	ca. 1803

Quadro 1. Obras e documentos datados de Lobo de Mesquita.

Lobo de Mesquita trabalhou simultaneamente para diversas instituições diamantinas. Foi na Confraria do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio que atuou como organista por mais tempo,

de 1783/1784 a 1798. Também colaborou como organista junto à Ordem Terceira do Carmo, de 1786/1787 até 1794, quando recebeu o último salário anual de cinquenta oitavas de ouro.<sup>14</sup> Embora tenha sido nomeado pela Confraria de Nossa Senhora do Terço da Igreja de Santo Antônio entre 1785 e 1787, suas prestações de serviços para essa associação foram esporádicas. Em Diamantina, Lobo de Mesquita teve, portanto, ao menos duas fontes de renda estáveis, podendo-se supor uma complementação através de aulas de música.

Várias hipóteses foram formuladas para explicar a mudança de Lobo de Mesquita para Ouro Preto, capital de Minas Gerais, em 1798. Teria partido em razão da decadência econômica da região? Estaria doente? Do ponto de vista econômico, as duas cidades sofrem de uma mesma decadência. Quanto aos cuidados médicos, Caio César BOSCHI afirma que o atendimento dos doentes é prestado em Minas por um pequeno número de médicos que aí se instalam para "*praticar uma medicina bastante precária*" (1984: 33). Acreditamos que a causa essencial da mudança seja uma busca por melhores oportunidades profissionais. Ouro Preto ofereceu-lhe, com efeito, possibilidades e responsabilidades maiores. O contrato assinado com a Ordem Terceira do Carmo em 1 de setembro de 1798 especifica:

[...] sendo, pelo mesmo procurador, chamado, por ele foi dito em presença de todos que queria cumprir com a música anual desta Ordem na forma que se pratica em todas as festividades dela, como são: a Ladainha dos sábados de madrugada; e nas segundas domingas de cada um mês, pelas dez horas do dia, para a procissão da [Rasoura]<sup>15</sup>; assistir com dois coros de música nas duas procissões que se costumam fazer, de Ramos e a do Enterro; a missa cantada da quinta-feira santa; a ladainha do sábado da aleluia de tarde; e, finalmente, a quaisquer funções que hajam de celebrar por esta Ordem; bem como será obrigado a fazer as novenas de Nossa Senhora que principiam a sete de julho, nas quais reforçará a mesma música; e no dia da festividade de Nossa Senhora [do Carmo] a dezesseis de julho, ou no dia que se determinar, será obrigado de mais a pôr dois coros de música com todo o asseio de bons instrumentos e vozes, na forma que sempre se tem praticado." (OLIVEIRA, 1978: 119-120).

Todas essas obrigações não impedem Lobo de Mesquita de encarregar-se também da música para a Confraria do Santíssimo Sacramento, na Igreja do Pilar,<sup>16</sup> e para as quatro festas anuais promovidas pelo Senado da Câmara, em 1799.<sup>17</sup>

Reencontramos, por fim, Lobo de Mesquita no Rio de Janeiro onde, em dezembro de 1801, assina um contrato com a Ordem Terceira do Carmo daquela cidade. Esse documento faz referência, como em Diamantina, à função de organista, mas, mesmo que desempenhasse outras funções fora da Ordem, é provável que ele tivesse uma carga menor de trabalho a cumprir. No Rio de Janeiro, durante o mestrado do Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), Lobo de Mesquita passa os últimos anos de sua vida, falecendo em 1805. Em agosto daquele ano, os membros da Confraria de Nossa Senhora das Mercês, em Diamantina, encomendam ao Padre Manoel Pinheiro treze missas pela alma do compositor.<sup>18</sup>

<sup>14</sup> Livro de Receita e Despesa, Igreja do Carmo, 1784-1856 (Livro n. 2 da despesa do Carmo), f. 44r. Consultado pela autora na Igreja do Carmo, em Diamantina, em 1995.

<sup>15</sup> Segundo LANGE (1946: 434), Zoroastro Viana Passos define essa palavra como "procissão em torno da igreja durante a qual se reza pelas almas dos membros defuntos da confraria".

<sup>16</sup> Livro de receita e despesa [da Irmandade do Santíssimo Sacramento de N. Sra do Pilar] 1755-1816, Vila Rica, f. 204 e f. 207 (apud LANGE, 1979: 94).

<sup>17</sup> Documento n. 238, Arquivo Histórico Ultramarino, Minas Gerais, Caixa 70, 1802 (apud RESENDE, 1989: 588).

<sup>18</sup> Cf. LANGE (1982) e JUNQUEIRA GUIMARÃES (1996).